

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NA ESCOLA

CLASSE 305 SUL: contribuições do Subprojeto -Pedagogia da Universidade de Brasília

Suzane Ferreira Santos ¹
Fernanda Escorcio Caeiro ²

RESUMO

Este artigo retrata a experiência relacionada à sistematização das práticas avaliativas na Escola Classe 305 Sul, no subprojeto- Pedagogia do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, da Universidade de Brasília. O projeto oportuniza aos estudantes dos cursos de licenciatura a vivência no espaço escolar e a relação teoria e prática durante a graduação, refletindo sobre as características docente, e a atuação nos anos iniciais do ensino fundamental I, sob a marca da polivalência, lidando com diferentes áreas do currículo da educação básica. Assim, discute-se a sistematização de conhecimentos e práticas avaliativas observadas diante da organização do trabalho pedagógico de uma professora do terceiro ano. Considera-se ainda, a temática avaliação indispensável na formação docente/atuação, abordada tanto nos estudos dos cursos de Pedagogia, quanto nos documentos legislativos da educação básica do Distrito Federal. O texto baseia-se nesses documentos, a Base Nacional Comum Curricular, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Diretrizes das Avaliações Educacionais do Distrito Federal, além do Projeto Político Pedagógico da Instituição e nos autores Luckesi (2005) e Villas Boas (2011) sobre avaliação, e Cruz (2012;2017) a propósito da profissionalidade polivalente. Por fim, a pesquisa permite compreender os resultados obtidos nessa turma através das diferentes práticas avaliativas, principalmente o TRS, teste de revisão semanal, atualmente reconhecido como uma ação que tem apresentado bons resultados, propiciado bom desempenho e maior desenvoltura nas provas e atividades cotidianas, maior confiança para resolução de problemas escritos e orais e a possibilidade de integrar diferentes disciplinas em uma avaliação, sem fragmentação do conhecimento.

Palavras-chave: Práticas avaliativas, Polivalência, Ambiente Escolar, PIBID.

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, vale ressaltar que segundo o minidicionário de língua portuguesa (Oliveira, 2011) a palavra sistematização tem como substantivo “organizar” e “ordenar”, logo, essa escrita faz menção à organização das diferentes práticas de avaliação presenciadas na turma de uma professora do terceiro anos da Escola Classe 305 Sul, possibilitado através do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência³, PIBID, subprograma que visa proporcionar aos estudantes do curso de licenciatura, uma aproximação entre a teoria e a prática e o cotidiano das instituições escolares na educação básica. Neste caso aqui mencionado, o subprograma

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília- UNB, suzanesantos351@gmail.com;

² Docente graduada no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília- UNB, fernanda.escorcio@gmail.com

³ Este artigo é resultado das vivências no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, PIBID, financiado pela CAPES.

possibilita essa prática por intermédio da Universidade de Brasília- UnB, no curso de Licenciatura em Pedagogia coordenado pela orientadora Shirleide Pereira da Silva Cruz, com a seleção de três núcleos: Escola 305 Sul; Escola 64 de Ceilândia; e Escola 54 de Taguatinga, que permitem a aproximação entre o que é aprendido na universidade e a realidade escolar, afóra os estudos em grupo com foco no Bloco de Inicial de Alfabetização, BIA, assuntos que permeiam a temática e a polivalência no trabalho docente.

A tônica avaliação é destinada aos estudos com frequência no curso de pedagogia, para tanto, contando com a disciplina “Avaliação Escolar” e “Avaliação das Organizações Educativas” como obrigatórias a complementação do currículo. Ainda, os estudos realizados no programa têm como objetivo fazer a relação da atuação nas instituições com enfoque na polivalência profissional daqueles que atuam principalmente nos primeiros anos da educação básica, os pedagogos, do primeiro ao quinto, que, segundo Cruz (2017), são habilitados e tem prescrição para lecionar em diferentes áreas de conhecimento do currículo da educação básica. Determinando como elementos estruturantes para os estudos do núcleo também, a relação professor-aluno, a relação escola e sociedade e a organização do trabalho pedagógico.

Assim, a polivalência se faz presente em diversos âmbitos do contexto escolar e no trabalho docente, tanto perante os elementos estruturantes apresentados acima de uma forma geral, quanto no esmiuçar desses elementos, visto que, a relação escola-docente-discente, impacta diretamente na aprendizagem, logo, se mostra visivelmente nos resultados avaliativos. Por isso, este artigo visa apontar a sistematização das diferentes práticas avaliativas utilizadas pela professora em um dos Terceiros anos da instituição 305 Sul, que decorreu em um dos melhores resultados na prova do Sistema de Avaliação Permanente do DF- SIPAE, do qual, decorreu no pedido da coordenação para que uma das práticas fosse repassada aos demais professores, o teste de revisão semanal- TRS e a influência direta no comportamento dos estudantes ao realizarem provas. Contando que, para que todos os estudantes de uma sala diversificada e não homogeneizada, tenham resultados tão bons, é necessário que a docente seja polivalente em variados contextos, não somente conteudista, tendo uma boa relação e comunicação com os estudantes e famílias a fim de um bom aprendizado e uma organização pedagógica que os discentes consigam acompanhar, abarcando e suprimindo todas as dificuldades e ensino-aprendizagem e alcançando suas potencialidades nas fases de desenvolvimento mais adequada.

Por fim, o artigo trará os aportes teóricos utilizados para estudo, observação e escrita que de algum modo ajudaram para captar e desenvolver junto aos documentos que regem a educação básica no todo e no Distrito Federal, a metodologia, a discussão dos resultados

obtidos diante das práticas avaliativas e do TRS, que propiciou bom desempenho e maior desenvoltura nas provas e atividades escolares cotidianas, maior confiança para resolução de problemas escritos e orais e a possibilidade de integrar diferentes disciplinas em uma só avaliação, sem que haja fragmentação do conhecimento e ao final uma breve conclusão.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio das vivências e observação na instituição buscando maior entendimento interpretativo, permeando o método qualitativo que segundo os autores Cassel e Symon (1994), tem sua focalização sem muita quantificação matemática. Ainda, um dos elementos que compõe o método qualitativo, é a percepção de quem está sendo observado sobre sua participação, e diante dos estudos realizados pelo programa, todos os estudantes envolvidos reconhecem sua ajuda e participação no processo.

Outro fato, é que apesar do método qualitativo predominar na pesquisa, o quantitativo não se torna indispensável para a observação e discussão dos resultados, pois como vai ser visto mais à frente, os dois se complementarão nas análises dos resultados da prova do SIPAE e também na importância dada à docente regente da turma analisada em suas práticas avaliativas que preparam os estudantes para os próximos anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação é um ato que está presente diariamente em meio a convivência em sociedade, seja ela por pré concepções estabelecidas do que é certo e/ou errado, do qual, os próprios sujeitos estabelecem, entrevistas de emprego, seleções e no âmbito escolar. Segundo Luckesi (2005), o papel das avaliações nas instituições educacionais é de diagnosticar as situações de aprendizagem, com o propósito de que essas sirvam para tomadas de decisões que visem melhorias da qualidade do desempenho dos estudantes. Essas avaliações, além de tudo, necessitam ser formativas, monitorando o progresso dos alunos não somente pelas notas, mas por seu histórico e olhar sensível diante do que sabem e têm dificuldade.

Além disso, a Constituição Federal de 1988, com seus princípios fundamentais para uma vida de qualidade reforça

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, art. 205)

Assim, para o desenvolvimento pleno dos indivíduos e preparo para a cidadania e necessário que toda a educação tenha um padrão mínimo de qualidade igualitário, equalizando as oportunidades, como reforçado no inciso VII do artigo 206. Dessa maneira, as avaliações precisam objetivar o desenvolvimento e possíveis melhorias através de seus resultados, a fim de alcançar uma educação de qualidade e propícia a todos. Ainda, a Base Nacional Comum Curricular detém a avaliação como proposta capaz de melhorar o ensino através dos dados coletados, e a Lei de Diretrizes e Bases tendendo-a como contínua e cumulativa, prevalecendo aspectos qualitativos junto à qualidade e o processo de aprendizagem.

A educação básica também é regida pelas Diretrizes de Avaliação Educacional do Distrito Federal, que discute as concepções e práticas que embasam a avaliação formativa, que não se resumem a meros testes que medem o conhecimento do estudante, e sim, promover intervenções necessárias, de maneira formativa e com progressão continuada. Dessa maneira, a avaliação formativa deve avaliar “para” as aprendizagens, pois, a prioridade é a qualidade educacional de forma justa, igualitária e inclusiva, percebendo os avanços e fragilidades, podendo assim compor aprendizagens significativas levando em conta as especificidades. A mediação docente nesse processo de avaliação é indispensável, visto que, por intermédio da intervenção, o profissional pode interferir nas fragilidades e até mesmo reconhecer onde seu trabalho não está progredindo tanto. A escola e o corpo docente precisam estar em consenso quanto ao uso dos procedimentos usados, sem que haja homogeneidade, mas que esses sejam coerentes com a proposta escolar, já que, o Projeto Político Pedagógico- PPP é um documento de identidade das instituições, que na Instituição 305 Sul, preza pela avaliação como parte fundamental para o acompanhamento do aprendizado dos estudantes.

Para mais, Benigna Maria de Freitas Villas Boas (2011), corrobora em seus escritos com a importância de avaliações formativas como proposta de professores comprometidos com o ensino-aprendizado. E também, Villas Boas (2006) destaca a importância dos projetos interventivos e reagrupamentos na construção e recomposição das aprendizagens, para que todos os estudantes consigam atingir as habilidades e competências cruciais a cada ano/série/ciclo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os estudos dos documentos que regem os princípios educativos da educação básica e da educação oferecida na instituição aqui presente, o Projeto Político Pedagógico demonstra a identidade, junto à missão, valores e metas escolares, carregando também a

historicidade dos sujeitos que a compõe. Neste documento, a temática avaliação é apresentada de forma essencial, de maneira que, até mesmo a comunidade participa de avaliações por meio de questionários com a finalidade de melhorias. Citando também as avaliações externas, servindo como apoio para investigação e entendimento das potencialidades e fragilidades apresentadas pelos estudantes, assegurando diagnóstico e intervenções necessárias. Ademais a escola apresenta em seu documento norteador, gráficos e explicações de avaliações com dados dos responsáveis sobre as práticas culturais e pedagógicas utilizadas e alguns com a opinião dos estudantes sobre o ensino e as docentes, demonstrando a preocupação e dedicação sobre o trabalho realizado.

Destaca-se a avaliação para as aprendizagens formativas, como proposta nas Diretrizes de Avaliação Educacional e no Currículo em Movimento, realizando bimestralmente a avaliação diagnóstica, além do uso do teste da psicogênese como ferramenta de apoio para avaliação e definição de intervenções para grupos específicos, com objetivo de acompanhar e avaliar as habilidades e competências desenvolvidas e possíveis projetos interventivos. Dessa maneira, a escola aspira por avaliações processuais, mediante o desempenho do estudante, impulsionando processos criativos e de autocrítica, não havendo uma classificação terminal onde se desliga dos conteúdos.

Isto posto, com a importância dada pela instituição acerca das avaliações e as diferentes maneiras de avaliar, levando em consideração os diferentes níveis, estudantes heterogêneos e que cada um tem seu tempo de aprendizado, observa-se a inserção de variadas atividades avaliativas pela gestão ao final do bimestre, e eventos anuais fixos com dinâmicas flexíveis, como a feira de ciências, festa das regiões e gincanas, que acabam por avaliar como algumas crianças estão desenvolvendo suas habilidades de escrita, coordenação, raciocínio lógico, organização, criatividade, comunicação, comandos e outros, visto que, a avaliação não se restringe a provas formais. E esse comportamento interfere diretamente no trabalho docente e compreensão.

A professora regente do terceiro ano a quem a observação foi feita, entende avaliação como processo essencial para a formação dos estudantes, uma vez que, com a migração para os anos seguintes, ensino médio e preparação para vestibulares e seleções, a avaliação ocorrerá constantemente, outrossim, permite guiar o trabalho de uma forma que não passe adiante sem que os estudantes tenham apreendido algo importante e também permite avançar para necessidades mais urgentes da turma. A mesma inicia o ano letivo com a avaliação diagnóstica, hábito da instituição, além de um ditado realizado para identificar o que deve reforçar e/ou seguir. Procurando a fio, trabalhar com diferentes atividades formativas, fazendo

a verificação das aprendizagens de forma constante, podendo ser de forma oral, produções escritas, livros, cartazes, leitura e provas. Além dessa verificação constante, a docente procura ser clara e concisa com eles, sempre corrigindo e explicando os erros e acertos de forma objetiva, disponibilizando quais competências e habilidades eles precisam adquirir para seguirem adiante, demonstrando um dos principais eixos estruturantes dos estudos dentro da polivalência docente, a relação professor-aluno ao se preocupar com que os indivíduos saibam o motivo de estarem fazendo determinadas atividades e não se sintam alheios ao processo.

Dentro da sala de aula, a professora demonstra um interesse e dedicação em que seus estudantes realmente consigam compreender o que está sendo proposto, de forma a mudar semanalmente seu modo de lecionar, reordenando as carteiras em dupla, sozinhos, trios ou quartetos, desenvolvendo leituras em voz alta, apresentação do conteúdo por vídeos e música, atividades na hora de ir ao banheiro como danças e brincadeiras que podem ajudar no desenvolvimento da coordenação motora e escrita, e que segundo ela, foram atividades corporais como andar de um pé só ao ir ao banheiro, que ajudaram as crianças a se desenvolverem melhor nas coreografias da festa das regiões. Além de sempre procurar deixar seus alunos informados sobre a rotina do dia, que começa pela agenda e decorre até o final da aula.

A rotina se mostra indispensável no trabalho e organização pedagógica da docente. Com o auxílio desse instrumento, a docente desenvolve ao decorrer da semana diversas atividades com o livro, caderno e materiais complementares, progredindo nos conteúdos que devem ser apresentados ao terceiro ano e também interligando a passeios, cultura e calendário festivo. Ao final da semana, na sexta-feira, ocorre o TRS, teste de revisão semanal, que contém a mesma estrutura de provas objetivas de múltiplas escolhas, com dez questões e paralelamente trabalha tanto questões qualitativas (colocando assuntos trabalhados na semana, fazendo avaliações interdisciplinares, com assuntos ligados ao dia a dia dos estudantes e revisando o conteúdo através da correção feita por eles) quanto questões quantitativas, pois, desde a aplicação há o acompanhamento do desempenho dos estudantes tanto dentro das escolas quanto em avaliações externas, transpondo noções quantitativas mais palpáveis para ela trabalhar.

A avaliação acima, serve para que a docente avalie tanto o aprendizado dos estudantes sobre o conteúdo trabalhado na semana, para que possa voltar, revisar e/ou seguir, quanto para reordenação da turma, pois, segundo ela, a depender de alguns conteúdos, os resultados obtidos denunciam qual a melhor maneira de organizar os estudantes, uma vez que, alguns precisam de mais ajuda, outros conseguem se desenvolver melhor em algumas matérias em

dupla ou não, ajudando na organização do trabalho pedagógico. Além de ajudar os estudantes a se auto diagnosticarem quanto ao que mais teve facilidade ou dificuldade, acompanhando seu próprio desenvolvimento, percebendo seus erros e ressignificando-os e gerir o tempo na execução das questões. Com a introdução dessa dinâmica na sala, observou-se que os estudantes nas últimas provas bimestrais e externas não apresentaram mais tanto medo e receio que grande parte das crianças tem ao realizar provas. Na prova externa do SIPAE, a turma conseguiu finalizá-la rapidamente, sem receio de marcar as questões, alguns até mesmo alegaram facilidade e confiança. Logo depois, a professora propôs que os estudantes resolvessem uma questão do segundo ano sobre fonemas e sons, em que a maioria conseguiu lidar bem, e também, a exposição de uma questão do quinto sobre gráficos, havendo a explicação do conteúdo e a inserção da matéria sobre gráficos de dupla entrada.

Ainda, nas provas a professora procura diversificar os tipos de questões a serem respondidas e as formas que os estudantes podem responder. Habitados a responderem as provas das instituições, houve a diversificação com o TRS, acompanhado de gabaritos, comuns nas provas externas e a partir do ensino fundamental II. Ademais, diferentes metodologias, como desenho, reformulação de finais de histórias, contos e fábulas, questões abertas e a correção com material físico, caso necessário, toda segunda-feira. Com os resultados da prova do SIPAE, constatou-se que a turma do terceiro ano foi uma das melhores na obtenção de nota quantitativa em relação à marcação no gabarito, dentre quatro turmas que compõe o âmbito institucional nessa faixa. Após os resultados, com esses e a falta de uma das professoras do terceiro ano, a diretora ao substituí-la usou a ferramenta de avaliação, e logo pediu que o TRS pudesse compor as atividades de todo o corpo docente, visando uma melhoria na interpretação dos estudantes, uso de outras ferramentas e melhoria no aprendizado. Vale ressaltar, que o TRS nasce na Escola Classe 413 Sul, quando essa mesma docente utilizou a ferramenta em sua turma, havendo também a propagação em outras, do qual, essas que utilizaram conseguiram melhorar seus índices e um aumento significativo no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Em adição, a docente também produz as avaliações através da verificação da rota da leitura oral, em que os estudantes leem em voz alta alguns trechos de textos de livro, em companhia também da mala voadora semanalmente apresentada por um estudante da turma e sua família, unindo a escola- estudante- família, aperfeiçoando a leitura, a escrita no caderno de registros e afetividade com a participação da família, afora, a assinatura no passaporte da leitura, material individual em formato de passaporte elaborado pela docente, na qual, é carimbado a cada livro lido. O acompanhamento da agenda e atividades nos livros e cadernos,

do qual, eles escrevem diariamente avisos, deveres de casa e conteúdo e a professora corrige, gerando uma tabela com os objetivos esperados para o ano, que é preenchida nas cores verde, vermelho e amarelo, para a visualização do que é fundamental retornar, revisar e/ou progredir pela docente.

Observa-se também, além de manter os estudantes informados sobre como e por que estão sendo avaliados e os motivos de precisarem desenvolver certas atividades, a preocupação em ensiná-los a produzir e utilizar os aportes da maneira correta. Em relação aos cadernos, a professora procura olhar todos e ensinar os estudantes a cortarem, colarem, escreverem e outros, de forma que o mesmo fique organizado, para tanto, junto à agenda a docente trabalha os lados, esquerdo e direito, paginação e data, e nos cadernos a maneira de escrever e colar, de cima para baixo, do esquerdo para o direito, a prensão do lápis e outros. Avaliando também de forma cinestésica, utilizando o cotidiano e a interatividade para resolução de problemas, como a entrada na sala de aula com perguntas sobre Estados e Capitais, respondendo a tabuada, cumprimentando em línguas estrangeiras diversificadas, musicalidade com o corpo, por imitação e outros.

Não se pode deixar de pontuar ainda, que as avaliações não são mensuradas através de notas. Por isso, salvo as avaliações formais e as citadas acima em que o estudante tem consciência que está sendo avaliado, há também outras atividades diárias e produzidas nos eventos escolares e dentro da sala, como na feira de ciências com a confecção de lapbooks, um livro grande com camadas e acionais dimensões sobre um assunto, nesse caso com foco na ODS 15 (Vida Terrestre), Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, realizando também produções artísticas, contribuindo para a matéria de artes e ligando às demais. Na festa das regiões, atividades utilizadas para o desenvolvimento do aprendizado e habilidades, compõe o conhecimento sobre mapas, regiões do Brasil, compreensão cultural e composições de obras tanto do Nordeste, região selecionada ao terceiro ano, como o aprendizado sobre as demais regiões do Brasil em que as outras salas apresentarão na culminância.

Não menos importante, conforme Villas Boas (2006), vê-se atitudes da docente que entra em consenso com o pensamento da autora. No PPP da instituição há sobre a importância do reagrupamento para que todos os estudantes possam atingir as metas e habilidades recomendadas aos ciclos nos documentos legislativos. Dentro da sala é perceptível como a docente procura trabalhar com a recomposição e projetos interventivos. Com reagrupamentos intraclasse, havendo interação entre níveis parecidos ou não, com a propensão de nenhum dos níveis serem prejudicados. E também, o trabalho com um aluno que repetiu o terceiro ano em decorrência da leitura e escrita, assim, a professora procura junto aos participantes do PIBID,

trabalhar de maneira pedagógica, com jogos, apostilas, um caderno com atividades específicas que acompanha a evolução dele, acompanhando a escrita e leitura cotidiana, e disponibilizando um box de livro de leituras que começa da leitura com frases e conforme o estudante vai avançando a leitura dos textos vai ficando mais complexa. Essa estratégia já demonstra eficácia, posto que, esse aluno chegou lendo quase nenhuma palavra e escrevendo em caixa alta, já no segundo semestre apresenta mais aquisição das habilidades, lendo frases, mesmo em rota fonológica e escrevendo com letra cursiva, afora melhora na letra, reconhecimento da escrita dos colegas, mais desenvoltura e coragem para responder questionamentos em voz alta e organização do caderno.

Por fim, o caderno de matemática produzido diariamente também entra como avaliação informal, os educandos observam o horário no relógio de ponteiro, analisam o tempo, data, semanas do mês, umidade do ar e aniversariantes. Pontuando-se que, uma das habilidades a serem adquiridas no terceiro ano, é sobre clima, assim, a professora pratica a temática de forma simples e lúdica, já que o ajudante do dia que observa e diz aos colegas, que podem opinar, além de questões relacionadas a porcentagem, visto que, os estudantes são desafiados a responderem qual o percentual de chances dos colegas que ainda não ajudaram serem selecionados no dia seguinte. Envolvendo português ao escrever no caderno, matemática, probabilidade, ciências e outras disciplinas. Além da autoavaliação, recomendado pelas Diretrizes de Avaliação Educacional, faltando 15 minutos para o término da aula, os estudantes preenchem suas autoavaliações sobre seus comportamentos, aprendizagem e aula do dia, com as cores verde, vermelho e amarelo, a fim de desenvolver a autonomia e criticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, observa-se que as práticas avaliativas entram na organização do trabalho pedagógico em variadas dimensões e atuações, compondo o trabalho polivalente. O trabalho da docente apresenta variadas maneiras de avaliar um estudante, em virtude de, suprir as demandas e necessidades de todos os níveis, exibindo como essa composição de avaliações através do resultado da prova do SIPAE ajuda na obtenção de competências e desenvoltura para lidar com as situações cotidianas e as que virão. É perceptível que a relação professor-aluno foi fundamental para que a docente observasse seus alunos tão heterogêneos e chegasse a tantas formas de avaliar diferentes, ilustrando um olhar sensível e atento quanto às necessidades e fragilidades de cada um. Junto a essa boa relação com as crianças, a união com

a família possibilitou a ampliação da aprendizagem e o compartilhamento de responsabilidades de forma afetiva, eixos assistidos também pela organização pedagógica objetiva, simples e direta, intencionando qualidade educacional. Vale destacar, que nenhuma das outras formas de avaliar estão erradas, mas diante dos estudos no programa, a preparação da turma para diferentes avaliações e a relação interdisciplinar interferem consideravelmente nos resultados dos estudantes.

Ainda, constata-se que o trabalho polivalente estudado no PIBID, não se restringe somente a dar aulas e aguardar o momento de avaliar o conteúdo repassado com uma prova de resultado terminal. A polivalência é composta por inúmeras dimensões que comportam os três eixos estruturantes discutidos acima conforme Cruz (2017). Análogo a isso, é capaz tecer uma linha de dimensões que constitui esse trabalho, uma delas foi a avaliação, que vai além de classificar um estudante. Na presença do trabalho da docente observada, é perceptível seu esforço em construir uma organização pedagógica, com atividades avaliativas (mesmo que informalmente) que possa englobar todos os tipos de aprendizagem, e com essas informações e amostras coletadas, sistematizar avaliações formais. Nesse caso, o TRS, denota uma estrutura de prova formal, que percorre por muitas seleções preparando os estudantes para o futuro escolar. Destacando-se o pensamento da docente quanto às atividades qualitativas e quantitativas se complementarem nas instituições, não quantificando e somando os resultados, mas com a necessidade de investir mais tempo se apropriando e retirando informações primordiais das avaliações quantitativas para melhorar tanto o desenvolvimento dos estudantes, até porque, saber marcar um gabarito e contar seus próprios erros e acertos também fazem parte de competências e habilidades mínimas aos educandos.

As práticas avaliativas também proporcionam um olhar mais atento da professora para com as dificuldades que os estudantes carregam, pois, muitas vezes, os docentes não estão preparados para acolher alunos tão defasados, principalmente pós pandemia, em que muitos não tiveram o acesso correto e ajuda pedagógica necessária para seguirem, como o caso do estudante apresentado. Essas também influenciam diretamente na autoestima do estudante ao perceber que está acompanhando e/ou avançando em seu desempenho, na formação crítica ao poder opinar e verbalizar sobre suas realizações e autonomia, se sentindo sujeitos pertencentes em sua educação. As turmas heterogêneas também podem se tornar um desafio, por isso, promover e repensar concepções e práticas formativas para suprir essas demandas se mostram essenciais, como os reagrupamentos e projetos interventivos, além de práticas associadas ao próprio dia a dia, como feito em sala ao produzir o caderno matemático diariamente.

Desse modo, constata-se que a participação no PIBID, favoreceu o reconhecimento e aprendizado entre a teoria e a prática, possibilitando a observação desse trabalho educacional.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao Programa de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, da Universidade de Brasília por proporcionar que tantos estudantes dos cursos de licenciaturas tenham a oportunidade de vivenciar a teoria e a prática antes da formação, favorecendo aprendizagem, práticas educativas e arcabouço teórico no cotidiano escolar. Agradecimentos também a orientadora do PIBID, Shirleide Pereira da Silva Cruz, por guiar o ensino-aprendizado nessa experiência, e a supervisora da instituição, Fernanda Escorcio Caeiro por disponibilizar seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 31 de agosto de 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf Acesso em: 31 de agosto de 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 02 de setembro de 2023.

Escola Classe 305 Sul. Plano Político Pedagógico- PPP. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/pedagogico-projetos-pedagogicos-das-escolas/> Acesso em: 01 de setembro de 2023.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática*. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/75760300-Avaliacao-da-aprendizagem-na-escola-malabares->

cipriano-carlos-luckesi-reelaborando-conceitos-e-criando-a-pratica-2-a-edicao.html Acesso em: 01 de setembro de 2023.

GDF. Diretrizes de avaliação educacional, aprendizagem, institucional e em larga escala – 2014-2016. Acesso em: 16 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.apostilasopcao.com.br/arquivos-opcao/erratas/12766/73566/diretrizes-de-avaliacao-educacional-aprendizagem-institucional-e-em-larga-escala.pdf> Acesso em: 31 de agosto de 2023.

OLIVEIRA, Aline Carrijo. Língua Portuguesa: minidicionário. 1 edição. Blumenau: Vale das Letras, 2011. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

VILLAS BOAS, Benigna M. de Freitas (org). Avaliação Formativa: práticas inovadoras. 1 edição. Campinas, SP: Papirus, 2011.

VILLAS BOAS, B. M. de F. A avaliação no Bloco Inicial de Alfabetização no DF. Anais eletrônicos, ANPEd, 29., GT13, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29/textos/ef.Gt13>>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.